



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**A Personalidade do Indefinido: a Representatividade de Cães Sem Raça
Definida no Estudo de Personalidade Canina**

Maya A. Drechsler

Salvador, BA
Dezembro de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**A Personalidade do Indefinido: a Representatividade de Cães Sem Raça
Definida no Estudo de Personalidade Canina**

Maya A. Drechsler

Orientador: Prof. Dr. Hilton Ferreira Japyassú

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de
Biologia da Universidade Federal
da Bahia como requisito à
obtenção do título de bacharel em
Ciências Biológicas

Salvador, BA

Dezembro de 2020

A Personalidade do Indefinido: a Representatividade de Cães Sem Raça
Definida no Estudo de Personalidade Canina

Trabalho de Conclusão de Curso

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hilton Ferreira Japyassu
Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia
Orientador

Ms. Danilo Sabino da Silva Lima
Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia

Ms. Juliana Lucatelli Doria Santana
Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia

Sumário

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
1. Introdução.....	8
2. Modelos de Personalidade Canina.....	11
3. Desafios Metodológicos.....	14
4. Diversidade Intraespecífica.....	16
5. A Representatividade dos Cães Sem Raça Definida (SRD).....	19
6. Conclusão.....	23
7. Referências Bibliográficas.....	25

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Hilton Japyassú, por compartilhar comigo seu conhecimento e suas ideias, pelo apoio e cuidado. Aos membros da banca, Ms. Juliana Lucatelli e Ms. Danilo Sabino, pela generosidade e pelas contribuições ao trabalho. Ao Instituto de Biologia e à Auau Creche Canina, por todo o suporte oferecido. À minha família, consanguínea e de consideração, e aos meus amigos, por todo apoio, amor e cumplicidade. Finalmente, agradeço aos meus companheiros caninos Lara, Ava, Gaia, Zeus, Black, Lumi, Balu, Shiva e Lua minhas principais fontes de inspiração.

Resumo

Canis familiaris é uma espécie com diversidade morfológica, comportamental e ambiental excepcionais, portanto, ao se estudar a personalidade de cães, é fundamental que esta diversidade esteja adequadamente representada. No entanto, muitas pesquisas sobre o tema não incluem cães Sem Raça Definida (SRD) em suas amostras, apesar deste grupo ser bastante representativo nas populações caninas ao redor do mundo. A presente revisão bibliográfica buscou analisar alguns dos principais modelos de personalidade canina propostos, e alguns dos desafios metodológicos que os pesquisadores enfrentam ao abordar o tema. Em seguida, avaliamos o que se sabe até então sobre a diversidade comportamental intraespecífica da espécie. Finalmente, foram explorados estudos que apontam diferenças relevantes entre o grupo dos cães SRD, quando comparados aos cães que possuem raças registradas. Observa-se que há pouco consenso quando se trata da relação entre a seleção artificial do cão e o seu comportamento e personalidade. Ademais, conclui-se que há diferenças de personalidade significativas entre as raças, entre grupos de raças e entre cães com e sem raça definida. Com o presente estudo esperamos contribuir para pesquisas futuras que abordem o tema personalidade canina, de forma que sejam mais fidedignas na representatividade das populações da espécie, especialmente do grupo de cães SRD.

Palavras-chave: Temperamento; Síndrome Comportamental; *Canis familiaris*; raça; mestiço.

Abstract

Canis familiaris is a species with exceptional morphological, behavioral, and environmental diversity, therefore, when studying the personality of dogs, it is essential to accurately represent this diversity. However, much research on the topic do not include mixed-breed dogs in their samples, although this group is considerably representative in canine populations around the world. This bibliographic review analyzes some of the main proposed models of canine personality, and some of the methodological challenges that researchers face when addressing the topic. Additionally, it evaluates what is known about the species' intraspecific behavioral diversity so far. Finally, studies that identify relevant differences between mixed-breed dogs, when compared to purebred dogs are explored. It is observed that there is little consensus when it comes to the relationship between the artificial selection of the dog and its behavior and personality. Furthermore, it is concluded that there are significant personality differences between breeds, groups of breeds, and between dogs with and without a registered breed. This study hopes to contribute to future research that addresses the topic of canine personality, so that they are more reliable in the representativeness of populations of the species, especially the group of mixed-breed dogs.

Keywords: Personality; Temperament; Behavioural Syndrome; Dog; *Canis familiaris*; breed; mixed-breed; mongrel.

1. Introdução

O estudo de personalidade e individualidade em humanos é antigo na história da humanidade. O estudo de personalidade em animais não humanos, no entanto, é muito mais recente e tem ganhado bastante atenção nos últimos 15 a 20 anos, quando ecólogos comportamentais passaram a refinar seus modelos de dinâmicas populacionais incluindo diferenças comportamentais estáveis entre os indivíduos (MIKLÓSI et al., 2014). O primeiro estudo que investigou e classificou diferenças individuais em animais não humanos foi realizado por Ivan Pavlov no ano de 1920. Pavlov desenvolveu um estudo que investigava a aprendizagem associativa, utilizando cães como modelo. Na sua pesquisa, ele classificou os cães em quatro categorias (colérico, sanguíneo, fleumático e melancólico), baseando-se em três propriedades definidas a partir de suas pesquisas sobre o sistema nervoso: força, equilíbrio e motilidade (CARERE & LOCURTO, 2011). Este estudo pioneiro causou grande impacto na comunidade científica, e abriu portas para diversas novas linhas de estudo, como a psicologia experimental, e para outros pesquisadores realizarem significativos progressos no estudo de personalidade em cães, assim como em diversos outros animais não humanos.

Há variação na definição de personalidade de acordo com o autor e campo de estudo. As autoras MacKay e Haskell, em seu trabalho de revisão de 2015, discutem e sugerem definições para os termos: personalidade, temperamento e síndrome comportamental, que muitas vezes são utilizados de forma análoga na literatura. No presente estudo, adotamos a definição sugerida pelas autoras, segundo a qual personalidade seriam variações entre indivíduos de uma mesma população nas respostas comportamentais a estímulos, variações essas consistentes em diversos contextos e ao longo do tempo (MACKAY & HASKELL, 2015). Outros autores também adotaram definição similar, como Fratkin et al., 2013 e Miklósi et al., 2014. Essa definição é concisa, porém abrangente, permitindo flexibilidade nas pesquisas, de acordo com o grupo estudado. Para os pesquisadores, alguns dos principais desafios metodológicos estão em responder perguntas como: Qual é o intervalo de tempo ideal para determinar se as diferenças comportamentais analisadas podem ser consideradas consistentes? Qual deve ser a amplitude de variação entre contextos à qual os

indivíduos são expostos na análise? E Quais comportamentos devem ser inclusos na observação direta ou indireta dos indivíduos? (MIKLÓSI et al., 2014).

Quando se trata do estudo de personalidade de cães, outro desafio metodológico para os pesquisadores é a amostragem. *Canis familiaris* é uma espécie com diversidade morfológica, fisiológica e comportamental excepcionais, sendo a espécie mais diversa entre os mamíferos (PARKER et al., 2004). Portanto, para estudar a expressão da personalidade de cães, é fundamental que esta diversidade esteja adequadamente representada na amostra escolhida para o estudo. Porém, observa-se, em grande parte dos trabalhos publicados até então, uma amostragem randomizada dentre uma população relativamente restrita de cães, geralmente sob cuidados de tutores da região onde a pesquisa em questão está sendo conduzida. Também se observa a ausência ou sub-representação de cães Sem Raça Definida (SRD) (TURCSÁN et al., 2017). Ao se tratar de uma espécie em que foram identificadas mais de mil raças distintas (MEHRKAM & WYNNE, 2014), com variações populacionais regionais em todo o planeta, uma amostragem aleatória que represente com fidelidade a diversidade real da espécie é um desafio considerável. Ademais, além da enorme diversidade de raças existentes atualmente, muitos cães possuem origem heterogênea e/ou desconhecida e não se encaixam em nenhum dos padrões definidos na classificação dessas raças, sendo, portanto, cães Sem Raça Definida. É muito provável que os SRD representem a maioria dos cães ao redor do mundo (TURCSÁN et al., 2017). Portanto, uma amostragem da população de cães que inclui somente cães de raças registradas, corre o sério risco de não ser representativa.

No presente trabalho, pretendemos contribuir para as pesquisas futuras de personalidade canina, de forma que sejam mais fidedignas à população de cães em suas amostragens. Esperamos conscientizar os pesquisadores sobre a influência da diversidade fenotípica da espécie na expressão da personalidade, como podemos ver em alguns estudos que investigam a variação de personalidade entre diferentes grupos funcionais, como, por exemplo, em Turcsán et al. (2011) e Svartberg (2006), assim como entre diferentes raças, como em Fadel et al (2016) e Starling et al. (2013), temas em que ainda se tem pouco consenso na comunidade científica. Em especial, apontamos para a

relevância da inclusão de cães SRD nas pesquisas, que é um grupo pouco estudado, mas que apresenta uma enorme variação fenotípica e contextual e que tem grande representatividade na população canina. Mais especificamente, este artigo de revisão compila dados de alguns dos principais trabalhos recentes (publicados entre 1995 e 2019) sobre personalidade de cães, com o intuito de avaliar o que sabemos sobre a influência da variação fenotípica e ambiental intraespecífica na expressão da personalidade em cães, e também sobre como a população canina, em especial a parcela SRD, vem sendo representada nas amostragens destes trabalhos.

Nos tópicos seguintes, inicialmente são abordados alguns dos principais modelos de personalidade canina. Em seguida são discutidos os principais desafios metodológicos sobre este tema. Então, buscamos discutir sobre os estudos que investigam as variações entre raças e grupos de raças. Finalmente exploramos o que se sabe sobre o grupo heterogêneo que chamamos de SRD. Concluimos esta revisão visando contribuições relevantes para pesquisas futuras sobre personalidade de cães SRD.

Para desenvolver este trabalho, foram utilizadas plataformas de busca como “PubMed”; “SciELO”; “Portal Capes”; e “Google Scholar”. As principais palavras-chave utilizadas para as buscas foram “Personality”; “Temperament”; “Behavioural Syndrome”; “Dog”; “Canis familiaris”; “breed”; “mixed-breed”; “mongrel”. Estas palavras-chave traduzidas para o português também foram utilizadas na busca, porém, todos os trabalhos citados no presente estudo foram encontrados a partir das palavras-chave na língua inglesa aqui mencionadas. Os trabalhos foram selecionados tendo a data de publicação como critério, sendo selecionadas pesquisas publicadas entre 1995 e 2020. Foram previamente selecionadas 51 referências de acordo com o título e resumo que mais acordavam com o tema proposto. Posteriormente, das referências selecionadas, 32 foram citadas nesta pesquisa por serem consideradas as mais relevantes para a discussão aqui desenvolvida.

2. Modelos de Personalidade Canina

No estudo da personalidade canina, pesquisadores agrupam os comportamentos encontrados em categorias descritivas. Se um cão é observado interagindo com um novo objeto, por exemplo, seu comportamento pode ser descrito como “curioso” se ele se aproximar do objeto, ou “medroso”, caso ele escolha manter distância. Para definir tal categorização, utiliza-se medidas como, por exemplo, a distância entre o cão e o objeto novo após determinado período. Estas categorias mensuradas em tais experimentos, são chamadas de dimensões de personalidade e/ou traços de personalidade (MIKLÓSI, A., 2007). As dimensões de personalidade compreendem a distribuição da variação de determinado comportamento entre indivíduos, dentro de uma população (quando essas variações não podem ser explicadas somente por diferenças como idade, sexo etc.). Portanto, a personalidade de um indivíduo é o conjunto de suas localizações nos espectros das diferentes dimensões de personalidade existentes naquela população (MACKAY & HASKELL, 2015). Para ilustrar, consideremos três dimensões de personalidade para uma população de cães: treinabilidade, curiosidade e sociabilidade. Um indivíduo desta população que apresentasse baixa capacidade de aprendizagem durante treinos, porém alta sociabilidade com humanos e outros cães e grande curiosidade com novos objetos - de acordo com os critérios estabelecidos pela pesquisa conduzida (nesse caso, hipotética) - seria um cão cuja personalidade seria descrita como: pouco treinável, muito social e bastante curioso.

Muitos dos estudos de personalidade de cães, assim como de diversos outros animais, se originaram da adaptação de modelos de estudo de personalidade em humanos. O chamado eixo timidez-ousadia (shyness-boldness axis, em inglês), fundamental nos estudos de personalidade humana, pode ser definido como a tendência geral do indivíduo de se aproximar de objetos novos e a disposição para correr riscos. Este eixo já foi aplicado em estudos comportamentais de uma variada gama de animais não humanos, incluindo cães e lobos (SVERTBERG & FORKMAN, 2002). O modelo de cinco dimensões para descrever a personalidade humana (Neuroticismo, extroversão, amabilidade, consciência e abertura à novas experiências) é bem estabelecido e há um consenso considerável de que este modelo representa a maior parte da variação

de comportamento das pessoas (DRAPER, T., 1995). Draper correlaciona três das dimensões da personalidade humana com a canina: Extroversão seria análoga à reatividade, abertura para experiências à treinabilidade e amabilidade seria inversamente análoga à agressividade. Gosling e John (1999) também encontraram indicações de que as cinco dimensões humanas possuem correlação com as encontradas em cães. No entanto, embora estes e outros trabalhos tenham buscado adaptar esse modelo para animais não humanos, há muito pouco consenso sobre a sua real representatividade para a personalidade canina (FRATKIN et al., 2013).

Numa abordagem diferente, Jones e Gosling, em 2005, realizaram uma meta-análise para classificar os comportamentos identificados nos estudos publicados sobre personalidade de cães. Identificando um crescente interesse no tema, porém com trabalhos dispersos por publicações em diferentes áreas, como a zoologia, etologia, psicologia, medicina veterinária etc., e com objetivos de aplicação também muito variados, os esforços em compreender a personalidade dos cães seguiram caminhos amplamente diferentes. Analisando os dados de 51 estudos empíricos, o modelo proposto foi de sete dimensões. O modelo de Jones e Gosling tem sido frequentemente citado e utilizado como referência em estudos posteriores, como em Fratkin et al. (2013), Ley et al., (2008), Kubinyi et al., (2009), Miklósi, A., (2014), Turksán et al., (2018), entre outros.

Outros estudos propuseram modelos de personalidade caninas derivados de análises fatoriais e utilizando dados de grandes amostragens, obtidos através de questionários. Entre eles, o Canine Behavioral Assessment Research Questionnaire (C-BARQ) é uma das medidas mais amplamente utilizadas, demonstrando alta confiabilidade em diferentes populações caninas. O C-BARQ já foi aplicado nos Estados Unidos, resultando em um modelo de 11 dimensões com uma variância comum de 52,9% (HSU & SERPELL, 2003); no Japão, onde foram encontradas 15 dimensões, com uma variância comum de 52,9% (NAGASAWA et al., 2011); e no Irã, onde nove dimensões foram identificadas, que explicam 68,4% da variância (TAMIMI et al., 2015). O C-BARQ também foi aplicado no Brasil por Bethlem (2016), cuja análise fatorial resultou em um modelo de 14 dimensões, que explicam 38,06% da variância encontrada. Alguns outros modelos de questionários para análise da personalidade canina foram

propostos, como o Monash Canine Personality Questionnaire (MCPQ-R), cujo modelo resultante de análises exploratórias de componentes principais foi de cinco dimensões. (LEY et al., 2008).

Alguns protocolos de baterias de testes observacionais também foram propostos na literatura. Svartberg e Forkman (2002) aplicaram o “Dog Mentality Assessment” (DMA), que consiste em 10 subtestes realizados durante o período de quatro anos. Cinco dimensões de personalidade foram identificadas. Em um estudo mais recente, Turcsán et al. (2018), propôs o VIDOPET: “Vienna Dog Personality Test”, que consiste em uma bateria de 15 subtestes e que busca uma abordagem mais abrangente, que não se restrinja a aspectos limitados da personalidade canina em que há algum interesse prático, como a identificação de comportamentos considerados problemáticos. O teste foi aplicado somente em cães da raça Border Collie e foram identificadas cinco dimensões.

Variações entre regiões, raças e grupos de pesquisa poderiam também em parte serem devidas a fatores demográficos. Por exemplo, Kubinyi et al. (2009) propõe um questionário que inclui dados demográficos dos tutores e práticas de cuidado com seus respectivos cães. O objetivo foi analisar a relação entre estes dados e as dimensões de personalidade encontradas. 4 dimensões foram encontradas e resultados apontaram que todas as dimensões são influenciadas por um ou mais dados demográficos coletados. Ressalta-se, no entanto, que as associações encontradas não necessariamente representam uma relação causal. Abaixo, nas Tabela 1 e 2, pode-se visualizar dados sistematizados dos modelos de personalidade aqui mencionados, incluindo o N amostral de cães SRD.

Tabela 1 - Dados sistematizados referentes aos modelos de personalidade canina propostos pelos autores: Ley et al., 2008, Kubinyi et al., 2009 e Turcsán et al. 2018.

	MCPQ-R (Ley et al.)	Kubinyi et al.	VIDOPET (Turcsán et al.)
Ano	2008	2009	2018
Método	Questionário	Questionário	Testes Observacionais
N Amostral Total	1.016	14.004	217
N Amostral SRD	146	3920	0
Dimensões de Personalidade	Amigabilidade; Extroversão; Autoconfiança; Foco no treinamento; Neuroticismo	Calma; Treinabilidade; Sociabilidade; Ousadia	Sociabilidade; Atividade; Busca por Novidades; Tolerância à Frustração; Resolução de Problemas

Tabela 2 - Dados sistematizados referentes aos modelos de personalidade canina propostos pelos autores: Svartberg & Forkman., 2002, Hsu & Serpel, 2003 e John & Gosling, 2005.

	DMA (Svartberg & Forkman)	C-BARQ (Hsu & Serpel)	John & Gosling
Ano	2002	2003	2005
Método	Testes Observacionais	Questionário	Meta-análise
N Amostral Total	15.329	2.054	35.699
N Amostral SRD	0	173	973
Dimensões de Personalidade	Sociabilidade; Propensão para brincar; Curiosidade; Propensão para perseguir; Agressividade	Agressividade com estranhos; Agressividade com o dono; Medo de estranhos; Medo não-social; Medo ou Agressividade com cães; Ansiedade de Separação; Busca por Atenção; Treinabilidade; Perseguição; Sensibilidade a Dor; Excitabilidade	Reatividade; Medo; Atividade; Sociabilidade; Treinabilidade; Submissão e; Agressividade

3. Desafios Metodológicos

Está evidente que há diversos estudos que buscam abordar a personalidade dos cães segundo diferentes perspectivas, aplicações e escolhas metodológicas, e apesar dos diversos esforços, há ainda muito pouco consenso entre eles. A revisão de FRATKIN et al (2013) busca analisar algumas destas metodologias, a fim de elucidar a escolha entre as variações metodológicas. Os resultados indicaram, por exemplo, que a personalidade se apresenta mais estável em cães mais velhos, quando o intervalo entre as avaliações empíricas é menor e quando as ferramentas de medida escolhidas nas avaliações são mantidas exatamente as mesmas.

Dois principais métodos são utilizados para analisar a personalidade canina: a codificação do comportamento (Behavioral coding, em inglês) é geralmente o registro de dados discretos durante a observação presencial em um experimento empírico. A observação presencial para coleta de dados discretos foi a escolha de testes como o VIDOPET (TURCSÁN et al, 2018) e o DMA (SVARTBERG & FORKMAN, 2002). Já a classificação do comportamento (Behavioral Rating, em inglês), normalmente consiste em avaliações mais abrangentes onde o cão é

classificado no espectro de um traço ou dimensão de personalidade, o que geralmente é feito por tutores ou pessoas familiarizadas com o cão, através de questionários, como o C-BARQ (HSU & SERPELL, 2003) e o MCPQ-R (LEY et al., 2008); (FRATKIN et al., 2013). As duas metodologias têm vantagens e desvantagens, e devem ser escolhidas a critério do pesquisador, dependendo do objetivo do trabalho, do material disponível na literatura e da viabilidade do projeto (MIKLÓSI et al., 2014).

Do ponto de vista da representatividade amostral, a obtenção de dados de forma indireta, através de questionários, permite aos pesquisadores acesso a um número de dados maior, e possibilita o acesso a uma parcela mais abrangente da população (FRATKIN et al., 2013). Porém, deve-se ressaltar que as informações coletadas a partir de questionários são subjetivas, sujeitas a uma série de variáveis, como o cenário social, econômico e cultural que o tutor entrevistado está inserido, por exemplo. Por isso, autores como Miklósi (2007) argumentam que questionários, embora sejam ferramentas valiosas, têm caráter exploratório, e não devem ser utilizados de forma substitutiva ao empirismo observacional. Mehrkam e Wynne (2014) apontam divergências significativas nos resultados obtidos, dependendo do tipo de coleta de dados escolhido na pesquisa. Em uma análise das diferenças comportamentais entre raças, observaram que mais de 80% das pesquisas baseadas em questionários apontam para diferenças interraciais de personalidade, enquanto nas pesquisas experimentais, menos de 20% reportam tais diferenças.

É importante salientar também que tanto a utilização de questionários quanto observações empíricas possuem limitações qualitativas de amostragem. Diversas pesquisas restringem suas amostras a um nicho restrito da população, como clientes de clínicas veterinárias (TAMIMI et al., 2015) e leitores de revistas sobre cães, que provavelmente estão interessados em literatura canina e em aprender mais sobre personalidade de seu cão (KUBINYI et al., 2009). De fato, considerando estes possíveis vieses, alguns autores buscaram avaliar a influência de dados demográficos nos resultados obtidos, como Kubinyi et al. (2009) e Turcsán et al. (2017), que encontraram correlações significativas para todas as dimensões de personalidades identificadas, como mencionado no tópico anterior.

Ademais, além das pesquisas geralmente serem realizadas com cães que possuem tutores (o que exclui da amostra cães de abrigos, desassistidos, em situação de rua etc.), as pesquisas (tanto as que utilizam questionários quando as observacionais), tendem a focar em cães que possuem raças registradas, e os cães Sem Raça Definida (SRD) estão ausentes ou consideravelmente sub-representados, como pode-se observar nos modelos inclusos nas Tabela 1 e 2. Notavelmente, em Tamimi et al. (2015) e Bethlem, S. (2016), os SRD representaram 29,15% e 26,4% da amostra, respectivamente. Bethlem ressalta que buscou conduzir seu questionário em diversos nichos, como abrigos para cães, criadores de raças específicas, petshops, entre outros, o que resultou numa amostra heterogênea. É relevante também considerar que estas duas pesquisas foram conduzidas em países em desenvolvimento (Irã e Brasil) enquanto a grande maioria das pesquisas sobre o tema é realizada em países desenvolvidos. A porcentagem obtida notadamente alta de SRD nestas amostras estimula indagações sobre uma possível correlação da proporção de SRD na população de cães e o contexto cultural e socioeconômico do país. A representatividade dos cães SRD fica ainda mais em evidência quando a avaliamos sob o pano de fundo da diversidade intraespecífica canina.

4. Diversidade intraespecífica

Ao desenvolver estudos que investiguem a variação de personalidade dentro das populações de cães, é fundamental considerar a grande diversidade fenotípica que existe na espécie. Durante o processo evolutivo dos cães, que foi diretamente influenciado (intencionalmente ou não) pela sua relação com as populações humanas, e mais recentemente, pela criação de raças para funcionalidades específicas, houve a formação de populações de cães com morfologia, fisiologia e comportamento mais diversas entre os mamíferos (Parker et al., 2004). Para os estudiosos da personalidade canina, o desafio é identificar o quanto esta diversidade fenotípica, genética, ambiental e funcional influencia na variação da expressão da personalidade nas populações de cães.

O comportamento é uma característica extensivamente selecionada na criação e manutenção das raças, tanto antigas quanto modernas, pois afeta diretamente

as diferentes funcionalidades atribuídas aos cães na sociedade humana. Tradicionalmente, cães têm sido agrupados de acordo com a sua funcionalidade - como pastoreio, guarda, ou companhia, por exemplo -, funções estas que requerem características morfológicas e comportamentais específicas. Alguns estudos exploraram estas diferenças comportamentais, como Gácsi et al. (2009), que observou que cães de raças selecionadas para trabalhar cooperativamente com pessoas são mais eficientes em responder a gestos humanos, como apontar, por exemplo, quando comparados com cães de raças relacionadas a funções realizadas independentemente de seus tutores. Já Lit et al. (2010), encontrou em seus resultados que cães de busca (“retrievers”, em inglês) demonstram mais contato corporal com humanos, enquanto cães de pastoreio tendem a utilizar contato visual e vocalização para se comunicar.

A categorização dos cães em grupos funcionais é respaldada pelas principais instituições cinológicas de referência, como Federação Cinológica Internacional (FCI) e American Kennel Club (AKC). Porém, os agrupamentos criados por estas instituições são baseados principalmente em similaridades morfológicas e informações anedóticas sobre a relação entre essas raças (MIKLÓSI et al., 2014). Alternativamente, Parker et al. (2007), considerando que comportamentos tipicamente atribuídos a certas raças são pelo menos parcialmente determinados geneticamente, buscou identificar parentesco genético entre as raças. Cinco grupos de raças distintos foram encontrados: “Ancient” (grupo de raças antigas, como o Husky Siberiano e o Malamute do Alasca), “Mastiffs-Terriers”, Cães de Pastoreio e de Caça, “Mountain-types” e Raças Modernas. Apesar das categorizações genéticas e funcionais não serem independentes nem mutuamente exclusivas, o parentesco genético fornece uma explicação alternativa para comportamentos similares entre raças (MIKLÓSI et al., 2014).

No entanto, ainda não há consenso de que tanto categorizações genéticas, quanto funcionais correspondam de fato a diferenças de dimensões de personalidade entre raças ou grupos de raças. Turcsán et al. (2011), utilizou uma amostra com 5.733 cães de 98 raças diferentes para investigar como essas dimensões se relacionam com os grupos de raça, tanto tradicionais quanto determinados por proximidade genética. Os resultados apontaram para diferenças significativas nas dimensões treinabilidade e ousadia. Entre os grupos

funcionais, os cães pastores se destacaram por serem mais “treináveis” que os cães de caça, de trabalho, “toy dogs” e cães não-esportivos. Terriers se mostraram mais ousados que cães de caça e de pastoreio. Entre os grupos com proximidade genética, os resultados mostraram que as raças antigas são menos treináveis que cães de caça e pastoreio, e que os cães da categoria Mastiff-terriers são mais ousados que os outros grupos. Ademais, o estudo propõe seis grupos de raças baseados na similaridade comportamental, e sugere que tal categorização pode ser mais fidedigna aos comportamentos típicos atuais das raças.

Por outro lado, alguns estudos falharam em identificar diferenças comportamentais significativas entre grupos funcionais. Svartberg, K. (2006), utilizou uma amostragem de 13.097 cães de 31 raças diferentes para investigar a relação entre a funcionalidade histórica das raças e suas dimensões de personalidade expressas atualmente. Nenhuma relação entre comportamentos típicos da raça e suas funções originais foi encontrada. Em vez disso, foram identificadas correlações entre o comportamento das raças e o uso atual dos cães escolhidos como reprodutores, o que sugere que os critérios de seleção recentes são provavelmente os fatores mais importantes na determinação do comportamento das raças. A utilização de raças de cães como animais de estimação e cães de exposição, muitas vezes independentemente de sua função original, pode ter levado a traços de personalidade convergentes para adaptação ao envolvimento na vida familiar humana (Svartberg, 2006).

Outros estudos apontam para a influência de seleções modernas dos cães no comportamento das raças atuais. Wheat (2019), por exemplo, demonstra em seus resultados que somente cães de raças mais antigas (que surgiram há mais de 500 anos) exibem comportamentos consistentes com a hipótese da síndrome da domesticação – hipótese que afirma que animais domesticados exibem padrões morfológicos, fisiológicos e comportamentais similares, quando comparados com seus ancestrais selvagens. Os resultados sugerem que o processo de domesticação em raças modernas passou por recentes mudanças seletivas. Estas novas pressões seletivas têm afetado a expressão de comportamentos relacionados à domesticação de forma independente (não mais correlacionada).

A maioria das pesquisas sobre o tema tem como objeto de estudo grupos de raças ao invés de raças individuais (Miklósi, A. 2014). Porém, alguns autores obtiveram resultados bastante relevantes explorando as diferenças comportamentais dentre raças específicas. Fadel et al. (2016), por exemplo, apresenta resultados que exploram as diferenças de impulsividade entre Border Collies (cães de pastoreio) e Golden Retrievers (cães de caça). Os Border Collies se mostraram mais impulsivos que os Golden Retrievers somente nas linhagens selecionadas para a função original da raça. Nas linhagens para exposição não houve diferenças significativas, o que indica que quando a aparência é o foco primário da seleção artificial, as características comportamentais podem ser afetadas, mesmo que de forma não intencional. Já Starling et al. (2013) avalia a variação da dimensão ousadia entre raças individuais e grupos funcionais, e conclui que seus resultados dão suporte para a existência do eixo contínuo timidez-ousadia em cães, e sugerem que o comportamento ainda é influenciado pelo propósito histórico da raça, mesmo que esse propósito não seja mais o foco primário da seleção atual dos criadores.

Como pudemos observar, há muita divergência e pouco consenso quando se trata da relação entre a seleção artificial do cão e seu comportamento e personalidade. No entanto, há bastante evidência de que a diversidade intraespecífica, em suas múltiplas facetas, é de grande relevância para a variação comportamental e expressão das dimensões de personalidade na espécie. Portanto, ao explorar os vários tipos de pressões seletivas, variações fenotípicas e ambientais, parece muito relevante se questionar onde os cães Sem Raça Definida (SRD) se encaixam neste espectro. Os SRD são provavelmente o grupo mais heterogêneo e mais representativo numericamente na grande maioria das populações caninas, e, apesar disso, é um grupo praticamente inexplorado quando se trata do tema personalidade canina.

5. A representatividade dos cães Sem Raça Definida (SRD)

Além da enorme diversidade de raças existentes atualmente, muitos cães possuem origem heterogênea e/ou desconhecida, e não se encaixam em nenhum dos padrões definidos na classificação dessas raças, sendo, portanto,

cães Sem Raça Definida (SRD). De fato, os SRD compõem aproximadamente 53% dos cães domésticos nos Estados Unidos, de 31 a 33% dos cães da Alemanha e Reino Unido, e metade da população canina da Austrália, segundo instituições destes países (KUBINYI et al., 2009). No Brasil, segundo dados do IBGE, foram contabilizados 54.2 milhões de cães no país, destes, 41% não possuem raça definida, segundo pesquisa conduzida entre 2019 e 2020 pelo instituto Qualibest. Porém, estes dados provavelmente subestimam o número real de SRD na população de cães, já que são baseados somente em cães que possuem tutores. Os cães SRD, no entanto, compõem a grande maioria dos cães que vivem em abrigos, em situação de rua, além de cães selvagens e semisselvagens. É muito provável que os SRD representem a maioria dos cães ao redor do mundo (TURCSÁN et al., 2017).

Mas afinal, quem são os cães SRD? Tecnicamente, são todos os membros da espécie *Canis familiaris* que não se encaixam nos padrões de uma raça, determinados pelas principais instituições cinológicas internacionais, como a Federação Cinológica Internacional (FCI) e o American Kennel Club (AKC). Esta definição abrange desde cães que pertencem a raças que ainda não foram registradas, até cães selvagens, passando por cães que são misturas intencionais de raças distintas; cães de uma linhagem de raça que desviou do padrão internacional; aqueles que descendem de outros SRD há muitas gerações, cães que vivem e se reproduzem em situação de rua sem nenhum tipo de seleção fenotípica intencional, etc. A heterogeneidade é imensa. Porém, os estudos que incluem SRD em suas amostras, geralmente alcançam apenas aqueles que possuem tutores e vivem em lares com suas famílias.

Apesar destas limitações, alguns estudos apontaram para particularidades relevantes no grupo dos SRD. Mellanby et al. (2013) fez um estudo comparativo entre 13 raças populares no Reino Unido e cães SRD, encontrando em seus resultados níveis de homozigose proporcionalmente altos na maior parte dos cães de raça – em especial os Boxers e West Highland White terrier – e altos coeficientes de endogamia – principalmente entre os Rottweilers e os Golden Retrievers. Leroy, G. (2011) também encontrou em seus resultados considerável endogamia e perda de diversidade genética das raças, como resultado de gargalos evolutivos históricos, entre outros fatores. Leroy também ressalta a

problemática do uso excessivo de cães machos reprodutores populares para cruzamentos, fenômeno que levou à disseminação de um grande número de doenças hereditárias. Os SRD, por outro lado, apresentam o que Leroy chama de “vigor do híbrido”: maior variabilidade genética e menor suscetibilidade a doenças hereditárias. Além disso, há dados que indicam que os SRD tendem a apresentar maior longevidade em geral (Proschowsky et al. 2003).

Quanto a traços comportamentais, pesquisas também apontam para particularidades do grupo SRD. Bennet e Rholf (2007), em um estudo desenvolvido na Austrália, com uma amostra de 413 cães adultos, submetidos a um questionário que identificou cinco dimensões, encontraram em seus resultados que cães SRD apresentam maior tendência à excitabilidade e latidos excessivos, desobediência e nervosismo. Schneider et al. (2013) em uma pesquisa também desenvolvida na Austrália, utilizou o questionário C-BARQ, aplicado em uma amostra de 73 cães. reportou maior propensão dos SRD a serem agressivos com pessoas desconhecidas, mais medrosos e mais sensíveis ao toque do que os cães de raça. No entanto, Ottenheimer-Carrier et al (2017) não encontraram diferenças significativas entre cães de raça pura e mista para nenhuma das 3 avaliações de personalidade conduzidas. O estudo realizado no Canadá utilizou o questionário MCPQ-R, além, de outros dois adicionais para coleta de dados que foram aplicados em uma amostra de 97 cães, sendo 47 de raça e 50 SRD. Contudo, os resultado apontaram que cães adotados de abrigos obtiveram escores de extroversão e necessidade de agradar mais baixos do que aqueles adquiridos por outros meios, sugerindo que a experiência precoce em abrigos pode afetar o comportamento adulto. Vale ressaltar, todavia, que estes estudos não tinham os SRD como foco investigativo, portanto, variáveis demográficas e de práticas de cuidado destes cães podem ter influenciado nos resultados. (TURCSÁN et al., 2017).

Kubinyi et al., em 2009, propôs uma análise da relação entre dimensões da personalidade canina (calma, treinabilidade, sociabilidade e ousadia) e dados demográficos dos cães e seus tutores. Os resultados indicaram que diversos fatores demográficos influenciam o comportamento canino, havendo relação entre, por exemplo, idade do cão e calma, sexo do cão e ousadia, tempo em que o tutor passa junto com o cão e sociabilidade. Turcsán et al., em 2017,

desenvolveu um dos primeiros estudos que focam nos traços comportamentais dos cães SRD, e incluiu as variáveis demográficas e de cuidados com o cão na análise. Segundo os resultados desta pesquisa, o grupo de SRD, quando comparado com o grupo de cães de raças definidas, foram classificados como menos calmos, menos sociáveis com outros cachorros e seus donos classificaram seus comportamentos como mais problemáticos. Não houve diferença nas dimensões treinabilidade e ousadia. Houve 12 diferenças significativas relacionadas aos dados demográficos e práticas de cuidados dos cães. Porém, a maioria desses fatores representam uma diferença ainda assim pequena com apenas dois fatores mostrando diferenças consideráveis: SRD foram castrados mais frequentemente e adquiridos em idades mais avançadas do que os cães de raça.

Controlando através dos dados demográficos o efeito das raças (puras vs SRD) sobre as dimensões de personalidade, vemos um resultado diferente. As dimensões calma e comportamentos problemáticos ainda se mostravam significativamente distintas, com os SRD apresentando comportamentos classificados como menos calmos e mais problemáticos. Porém, o os cães SRD, que antes demonstraram resultados similares ao grupo de cães de raça quanto a treinabilidade, agora se apresentam como mais “treináveis”. Quanto à dimensão sociabilidade, os SRD que antes demonstraram ser menos sociáveis, agora já não apresentam diferenças significativas em relação aos cães de raça. Finalmente, não houve diferença para a dimensão ousadia. Duas teorias buscam explicar as diferenças encontradas na genética: Shneider et al. (2013) sugere que cães originados de canis em geral são selecionados para ter comportamentos favoráveis, sendo mais calmos com menos problemas comportamentais, enquanto Gacsi et al. (2009) sugere que cães SRD foram originados de uma população que sofreu seleção de comportamentos que aprimoraram suas habilidades de sobrevivência, como maior independência, maior estado de alerta/nervosismo e evitar estranhos e outros cães. As duas hipóteses complementam uma à outra e os resultados da pesquisa dão suporte a elas.

Diante dos dados aqui apresentados, fica claro que há diferenças de personalidade significativas tanto entre as raças, quanto entre cães com e sem

raça definida, assim como há também variação significativa dentro do grande grupo que chamamos de SRD. É provável que os SRD apresentem uma amplitude de variação de personalidade maior do que os grupos de raças específicas, seja porque os SRD possuem uma variedade fenotípica e de contextos e estímulos ambientais mais abrangente, seja por sua variabilidade genética e pressões seletivas particulares. De qualquer forma, constituem um grupo especial de cães com traços de comportamento característicos (TURCSÁN et al., 2017). Dessa forma, as informações coletadas no presente trabalho sugerem, em conjunto, que uma amostragem que não inclua os SRD, mesmo que abranja um grande número de raças registradas, pode não ser suficiente para representar a variação comportamental dentro dos espectros de dimensões de personalidade canina.

6. Conclusão

A partir das informações coletadas na presente revisão bibliográfica, conclui-se que os cães SRD estão consideravelmente sub-representados nas pesquisas que buscam compreender a personalidade canina e que são necessários mais estudos que investiguem a expressão da personalidade destes cães. Um fator que deve ser levado em consideração, é a visão de muitas culturas ao redor do mundo de que o cão de raça é considerado “superior”, quando comparado aos cães SRD. Cães que têm raças registradas possuem valor econômico, e, conseqüentemente, são valorizados pelo mercado financeiro. Já os cães SRD são desprezados pelo mercado e desvalorizados pela sociedade, o que, muitas vezes, os coloca em situações de vulnerabilidade. Portanto, esta visão que inferioriza os cães SRD contribui para que eles sejam marginalizados socialmente, e, possivelmente, também pela comunidade científica.

Conclui-se o presente estudo ressaltando a importância da representatividade da diversidade intraespecífica nas pesquisas sobre personalidade canina. Em especial, ressalta-se a relevância de se incluir cães SRD nas pesquisas, a fim de que se tenha uma representação mais fidedigna das populações de cães. Principalmente porque os dados sugerem que estes cães apresentam uma variabilidade genética, morfológica e comportamental que são singulares.

Espera-se que os dados apresentados nesta revisão possam contribuir para estudos futuros, de forma que os cães SRD sejam mais bem representados, ampliando o conhecimento atual sobre personalidade canina, e, possivelmente, contribuindo para mudar a visão sociocultural destes cães.

7. Referências Bibliográficas

- BENNETT, P.C., ROHLF, V.I., 2007. Owner-companion dog interactions: Relationships between demographic variables, potentially problematic behaviours, training engagement and shared activities. *Appl Anim Behav Sci.*; 102: 65–84.
- BETHLEM, S., 2016. Adaptação do C-BARQ para o Brasil.
- CARERE, C. & LOCURTO, C., 2011. Interaction between animal personality and animal cognition. *Current Zoology*. 57. 491-498. 10.1093/czoolo/57.4.491.
- DRAPER, T.W., 1995. Canine Analogs of Human Personality Factors. *The Journal of General Psychology*, 122(3), 241-252. doi:10.1080/00221300.1005.0021236.
- FADEL, F. R., DRISCOLL, P., PILOT, M., WRIGHT, H., ZULCH, H., & MILLS, D., 2016. Differences in trait impulsivity indicate diversification of dog breeds into working and show lines. *Scientific Reports*, 6(1), 1-10.
- FRATKIN, J.L., SINN, D.L., PATALL, E.A., GOSLING, S.D., 2013. Personality Consistency in Dogs: A Meta-Analysis. *PLoS ONE* 8(1): e54907. doi:10.1371/journal.pone.0054907
- GÁCSI, M., MCGREEVY, P., KARA, E., MIKLÓSI, Á., 2009. Effects of selection for cooperation and attention in dogs. *Behav Brain Funct.*; 5: 1.
- HSU, Y., SERPELL, J.A., 2003. Development and validation of a questionnaire for measuring behaviour and temperament traits in pet dogs. *J. Am. Vet. Med. Assoc.* 223, 1293–1300.
- GOSLING, S.D., JOHN, O.J., 1999. Personality dimension in nonhuman animals: a cross-species review. *Curr.Direct. Psychol. Sci.* 8, 69–75.
- JONES, A.C., GOSLING, S.D., 2005. Temperament and personality in dogs (*Canis familiaris*): a review and evaluation of past research. *Appl. Anim. Behav. Sci.* 95, 1–53

- KUBINYI, E., TURCSÁN, B., MIKLÓSI, A., 2009. Dog and owner demographic characteristics and dog personality trait associations. *Behav Process.*; 81: 392–401.
- LEY, J.M., BENNETT, P.C., COLEMAN, G.J., 2008. A refinement and validation of the Monash Canine Personality Questionnaire (MCPQ). *Appl Anim Behav Sci.*; 116: 220–227.
- LEROY, G., 2011. Genetic diversity, inbreeding and breeding practices in dogs: results from pedigree analyses. *Vet J.*; 189: 177–182. doi: 10.1016/j.tvjl.2011.06.016 PMID: 21737321
- LIT, L., SCHWEITZER, J. B., & OBERBAUER, A. M., 2010. Characterization of human–dog social interaction using owner report. *Behavioural processes*, 84(3), 721-725.
- MACKAY, J., & HASKELL, M., 2015. Consistent Individual Behavioral Variation: The Difference between Temperament, Personality and Behavioral Syndromes. *Animals*, 5(3), 455–478. doi:10.3390/ani5030366
- MEHRKAM, L. R. & WYNNE, C. D. L., 2014. Behavioral differences among breeds of domestic dogs (*Canis lupus familiaris*): Current status of the science. *Applied Animal Behaviour Science*, 155, 12–27.
- MELLANBY, R.J., OGDEN, R., CLEMENTS, D.N., FRENCH, A.T., GOW, A.G., POWELL, R., 2013. Population structure and genetic heterogeneity in popular dog breeds in the UK. *Vet J.*; 196: 92–97. doi: 10.1016/j.tvjl.2012.08.009 PMID: 23084740
- MIKLÓSI, Á., TURCSÁN, B., & KUBINYI, E., 2014. The Personality of Dogs. *The Social Dog*, 191–222. doi:10.1016/b978-0-12-407818-5.00007-3
- MIKLÓSI, Á., 2007. *Temperament and Personality. Dog Behaviour, Evolution and Cognition.* Oxford University Press, 221–235.
- NAGASAWA, M., TSUJIMURA, A., TATEISHI, K., MOGI, K., OHTA, M., SERPELL, J., KIKUSUI, T., 2011. Assessment of the factorial structures of the C-BARQ in Japan. *The Journal of Veterinary Medical Science/ the Japanese Society of Veterinary Science*, 73, 869–875. <http://doi.org/10.1292/jvms.10-0208>

OTTENHEIMER-CARRIER, L., RICKETTS, C.J., PERRY, E.A., ANDERSON, R.E., WALSH, C.J., 2016. Owner-reported personality assessments are associated with breed groups, but not with oxytocin receptor gene polymorphisms in domestic dogs (*Canis familiaris*). *J Vet Behav.*; in press.

PARKER, H.G., KIM, L.V., SUTTER, N.B., CARLSON, S., LORENTZEN, T.D., MALEK, T.B., JOHNSON, G.S., DEFRANCE, H.B., OSTRANDER, E.A., KRUGLYAK, L., 2004. Genetic structure of the purebred domestic dog. *Science* 304, 1160–1164.

PARKER, H.G., KUKKOVA, A.V., AKEY, D.T., GOLDSTEIN, O., KIRKNESS, E.F., BAYSAC, K.C., MOSHER, D.S., AGUIRRE, G.D., ACLAND, G.M., OSTRANDER, E.A., 2007. Breed relationships facilitate fine-mapping studies: a 7.8-kb deletion co-segregates with Collie eye anomaly across multiple dog breeds. *Genome Res.* 17, 1562–1571.

SCHNEIDER, L.A., DELFABBRO, P.H., BURNS, N.R., 2013. Temperament and lateralization in the domestic dog (*Canis familiaris*). *J Vet Behav.*; 8: 124–134.

STARLING, M. J., BRANSON, N., THOMSON, P. C., & MCGREEVY, P. D., 2013. “Boldness” in the domestic dog differs among breeds and breed groups. *Behavioural processes*, 97, 53-62.

SVARTBERG, K., FORKMAN, B., 2002. Personality traits in the domestic dog (*Canis familiaris*). *Appl. Anim. Behav. Sci.* 79, 133–155.

SVARTBERG, K., 2006. Breed-typical behaviour in dogs—historical remnants or recent constructs? *Appl. Anim. Behav. Sci.* 96, 293–313.

TAMIMI, N., JAMSHIDI, S., SERPELL, J., MOUSAVI, S., GHASEMPOURABADI, Z., 2015. Assessment of the C-BARQ for evaluating dog behavior in Iran. *Journal of Veterinary Behavior*, Vol. 10, Issue 1, 36-40, ISSN 1558-7878. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2014.09.064>.

TURCSÁN, B., KUBINYI, E., MIKLÓSI, Á., 2011. Trainability and boldness traits differ between dog breed clusters based on conventional breed categories and genetic relatedness. *Appl Anim Behav Sci.*; 132: 61–70.

TURCSÁN, B., MIKLÓSI, A., KUBINYI, E., 2017. Owner perceived differences between mixed-breed and purebred dogs. PLoS ONE 12(2): e0172720. doi:10.1371/journal.pone.0172720

TURCSÁN, B., WALLIS L., VIRÁNYI, Z., RANGE, F., MÜLLER, C., HUBER, L., RIEMER, S., 2018. Personality traits in companion dogs—Results from the VIDOPET. PLoS One.; 13(4): e0195448. doi: 10.1371/journal.pone.0195448

WHEAT, C., FITZPATRICK, J.L., ROGELL, B. TEMRIN, H., 2019. Behavioural correlations of the domestication syndrome are decoupled in modern dog breeds. Nat Commun 10, 2422. <https://doi.org/10.1038/s41467-019-10426-3>